

DIANA CAÇADORA: O ATO DE TRANSGREDIR NA CONSTRUÇÃO DO SUJEITO FEMININO PÓS-MODERNO

DIANA HUNTRESS: THE ACT OF TRANSGRESSING THE CONSTRUCTION OF POSTMODERN FEMALE SUBJECT

Resumo

Este artigo tem o propósito de fazer uma leitura possível da transgressão como elemento para a construção da identidade feminina na pós-modernidade. A partir desta premissa, apresentaremos a luta da mulher no decurso da história e sua consequência quando, na década de 70, as autoras femininas passam a ter maior notoriedade no cenário da literatura, em especial, no Brasil. Vamos nos reportar, especificamente, à obra de Marcia Denser, Diana Caçadora, em que podemos observar a transgressão dos valores canônicos de maneira a possibilitar a discussão sobre o que constitui este novo sujeito feminino. Nesse novo cenário da Literatura brasileira, autoras como Helena Parente Cunha, Lia Luft, Nélida Piñon, Clarice Lispector, entre muitas outras, são escritoras-personagens fundamentais para tal abordagem.

Palavras-chave: Feminismo. Transgressão. Pós-Modernidade.

Abstract

This article aims to establish a possible discussion about the transgression as an element to the construction of the women's identity in post modernity. Through this perspective, we are going to present the struggle of women throughout the history and its consequence when in the 70's, female authors started to give more space and respect in literature, especially, in Brazil. Through Marcia Denser's book, Diana Caçadora, we are going to analyze the transgression of the old values of the society and from this aspect, establish a possible discussion about the new women character in society. In this new context in Brazilian literature, Helena Parente Cunha, Lia Luft, Nelida Piñon and Clarice Lispector, among others, are important authors in this approach.

Key words: Feminism. Transgression. Post Modernity.

Vera Lúcia Teixeira Kauss

Doutora em Literatura Comparada pela UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro
verakauss@globo.com

Roberta Oliveira Belchior

PUC – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
beta_belchior@hotmail.com

Este artigo nasceu de um trabalho monográfico como um dos requisitos para que uma aluna concluísse o curso de Português-Inglês, na Faculdade de Letras. Em uma de minhas aulas, conversando sobre as lutas travadas pelas mulheres desde tempos imemoriais para ter o direito de escolher seu destino, vencer a subjugação imposta pela sociedade patriarcal; enfim, trabalhando a questão de gênero na Literatura Brasileira, apresentei várias escritoras à turma. Essa aluna se encantou com todas, mas direcionei sua leitura para o livro de Márcia Denser, *Diana caçadora*. Alguns dias depois, ela me disse que queria aprofundar as leituras para fazer sua monografia sobre esse texto.

O trabalho desenvolvido pela aluna e base para esse artigo tinha o propósito de discutir, através da obra da autora Márcia Denser, o reposicionamento da mulher na cultura pós-moderna. Momento esse que leva alguns membros do segmento feminino a transgredir valores do cânone falocêntrico vigente e que, durante séculos, reduziram as mulheres a meras figuras decorativas na sociedade regida pelo sistema patriarcal.

Ao longo da História da humanidade, foram muitas as mulheres que travaram batalhas na busca de um espaço na sociedade. Elas não queriam o lugar que lhes era imposto pelas regras machistas, mas um em que tivessem seus direitos preservados e, assim, pudessem ter sua condição feminina respeitada para viverem livres dos estigmas a que eram condenadas apenas por pertencerem ao gênero feminino. Na realidade, elas queriam sair do simples papel de figurantes ou reprodutoras para se tornarem sujeitos do processo de criação, no processo da própria vida.

A partir da década de 60, as mulheres começam a ocupar um lugar menos limitado na sociedade passando a desfrutar de maior liberdade. A elas, passa a ser permitido o trabalho fora do lar, o acesso ao ensino superior e também um posicionamento político mais ativo na vida pública de sua cidade, de seu país e do mundo. O segmento feminino passa a ocupar o

espaço público, antes apenas permitido ao segmento masculino: elas saem de sua reclusão no espaço privado do lar para o espaço público da sociedade.

Entretanto, os valores morais vigentes ainda perpetuam posicionamentos que permitem uma liberdade parcial às mulheres. Sobrecarregadas por múltiplas funções, elas ainda se encontram aprisionadas, como sempre estiveram ao longo da história.

Nesse período, boa parte da narrativa feminina vai retratar as mudanças sofridas pela sociedade com os movimentos reivindicatórios desta época. Antes dos anos 60 do século XX, a crítica oficial não levava a sério os textos escritos por autoras femininas porque, para ela, esses textos já vinham marcados com o estigma da inferioridade atribuída à diferença e, por isso, eram julgados fora dos padrões de qualidade exigidos pelo direcionamento patriarcal, machista dos segmentos de poder vigentes. Essa questão passa a ser discutida de maneira incisiva a partir dos movimentos feministas.

A década de 70 vislumbra um período em que as relações humanas começam a mudar. Antigos tabus começam a ser discutidos e postos à prova, já que, naquele momento, a sociedade volta-se para a individualização, a busca do prazer através das drogas e, com o advento da pílula anticoncepcional, é permitido à mulher a quebra de um dos maiores tabus femininos: o sexo como prazer, não mais como forma de reprodução apenas. No Brasil, a narrativa feminina, a partir da década de 60, passa a mostrar a insatisfação da mulher com o lugar de submissão a ela imposto e traz à tona o questionamento dos valores cristalizados por uma tradição cultural secular, apresentando, muitas vezes, o conflito que se instaura entre o desejo de independência, de liberdade e os afazeres da vida doméstica a que era destinada. A busca de construção da identidade é tematizada de forma dramática por grande parte da literatura de autoria feminina das décadas de 70-80, ou seja, pela geração que vivenciou o processo radical de luta contra o que estava estabelecido desde séculos.

Em *Diana Caçadora*, encontramos uma personagem que retrata os conflitos vivenciados por uma mulher pós-moderna. Após períodos de castração, submissão e violência contra sua feminilidade, a mulher desta época se encontra em uma fase de maturação e descobertas de sua identidade. Diana Marini se lança em um jogo de entregar-se a aventuras que envolvem sexo, drogas, porém, em alguns capítulos, nos expõe a desorientação e muitos questionamentos que continuam a afligir esta nova figura feminina vigente numa sociedade despreparada e sem nenhuma boa vontade para entendê-la e ajudá-la a encontrar seu novo caminho.

Ao longo da história da humanidade, a figura feminina sofre com a deturpação e a incompreensão da sociedade no que diz respeito a sua identidade e, especialmente, no que se refere a sua feminilidade. Tais estigmas vêm sendo combatidos através de movimentos de luta e reivindicação estruturados por incansáveis figuras históricas, que buscam a identificação da verdadeira identidade feminina longe das atribuições às quais as mulheres estão condicionadas há tanto tempo.

A mulher pós-moderna, hoje, possui liberdade e consegue, mesmo que ainda com muitas barreiras a ser ultrapassadas, exercer um papel de influência na construção da sociedade atual. E a transgressão, considerada por muitos psicanalistas como elemento inerente à natureza feminina, vem estabelecer esta nova realidade tão buscada pelas mulheres desde tempos imemoriais.

O mito de Lilith e o arquétipo da mulher transgressora

A mitologia está repleta de personagens que usaram a transgressão como elemento de construção de suas identidades. Um dos principais ícones da transgressão feminina é Lilith, considerada pelas lendas antigas como a primeira esposa mítica de Adão.

Lilith é uma figura mitológica dos povos rabíni-

cos, judaicos e hebraicos, cujo registro mais antigo está no manuscrito “*O alfabeto de Ben Sirak* (Koltuv, 1986, p.37-52), datado entre os séculos VIII e X a.c. Apesar de renegada pela Igreja, por ser considerada subversiva para os valores das tradições católica e cristã, é possível observar a provável presença de Lilith no livro do Gênesis 1:27: “Deus criou o homem à sua imagem, / À imagem de Deus ele o criou, / Homem e mulher os criou.”

E tendo sido criada como igual, não aceitou a submissão a Adão. Através de sua natureza livre, de sua personalidade questionadora e determinada, Lilith buscava a igualdade de direitos frente à figura masculina. Sua não aceitação dos valores patriarcais vigentes leva Lilith ao uso da rebeldia como forma de luta pelo direito à igualdade. Não aceitando a sonegação de sua identidade e liberdade, Lilith abandona Adão e é quando surge a figura de Eva, que se enquadrava perfeitamente nos padrões do sistema patriarcal: submissa e devotada ao lar.

Eva e o mito da submissão feminina.

Num primeiro momento, é a figura submissa, companheira e devotada de Eva que se perpetuará, por tanto tempo, como modelo a ser seguido pelas mulheres. Entretanto, mesmo reunindo tais características é, no final, considerada fonte do pecado e da desobediência, já que a Igreja Católica a acusa de ter sido quem levou Adão a pecar e, com eles, todos os homens perderam o Paraíso e tiveram que lutar por sua sobrevivência.

Na Idade Média, encontramos situações em que mulheres foram condenadas à morte por demonstrarem qualquer tipo de comportamento que pudesse ser considerado subversivo em relação aos valores do sistema patriarcal.

(...) na Idade Média, surge a Inquisição, a caça as bruxas, ou melhor às mulheres e aqueles homens que, com elas se relacionavam com compreen-

são e proximidade, porque se partia da premissa da convicção bíblica de que a mulher é condenada. Daí, surgirá em 1489, um livro escrito por Heinrich Kramer e James Sprenger, intitulado *Malleus Maleficarum*, que tinha por objetivo, ser o guia dos inquisidores na busca às incorporações do diabo e que Roberto Scuteri tão bem denomina como “o incrível texto de psicopatologia sexual masculina. (SICUTERI, 1985:113 apud ENGELHARD,1997:37).

Como figura condenada, a mulher deveria ser vigiada por pais, irmãos e, posteriormente, por seu marido, mantendo os velhos costumes misóginos. So-negando seu direito à liberdade, especialmente a sexual, a mulher não quebraria o equilíbrio doméstico, a segurança e a ordem social.

A Igreja, como instituição que mais influenciava na confecção e execução das regras a serem seguidas, valia-se do que se imputou como sendo o “erro” de Eva como justificativa para a condenação da mulher. O já mencionado guia dos inquisidores, *Malleus maleficarum*, explicita a visão negativa em torno da mulher quando diz que

Houve uma falha na formação da primeira mulher, por ter sido criada a partir de uma costela recurva, ou seja, uma costela do peito, cuja curvatura é, por assim dizer, contrária à retidão do homem. E como, em virtude dessa falha, a mulher é animal imperfeito, sempre decepciona a mente. (ARAUJO, 2009:46)

A mulher está fatalmente condenada a pagar pelo erro de Eva: ela carrega consigo o pecado original – que passa a ser de todos os homens - e, por isso, deveria ser vigiada muito de perto, já que sua sexualidade, em especial, poderia induzir os homens ao pecado da luxúria. No Brasil colonial, repetia-se a máxima de que a mulher só deveria sair de casa em três ocasiões

por toda a sua vida: para o seu batismo, para o seu casamento e no momento do seu enterro.

A partir de tal premissa, podemos observar que a educação da mulher se torna, na realidade, um total adestramento para a obediência sem questionamentos. Sua sexualidade é reprimida, vigiada e sua educação deve ser direcionada exclusivamente aos afazeres domésticos. O autor Ribeiro Sanches, em seu manual *Educação de uma menina até de tomar estado no reino de Portugal*, de 1754, diz que:

Seria necessário que uma menina ao mesmo tempo que aprendesse o risco, a fiar, a coser e a talhar, que aprendesse a escrever, mas escrever para escrever uma carta, para assentar em um livro que fez tais e tais provisões para viver seis meses na sua casa; para assentar o tempo de serviço dos criados e jornaleiros, e os salários; para escrever nele os preços de todos os comestíveis [...] Seria útil e necessário que soubesse tanto de aritmética que soubesse calcular tanto de trigo, azeite, vinho, carnes salgadas, doces que serão necessários a uma família [...] (Apud. SILVA, 1984:185)

Através de tal modelo de educação, as mulheres desde muito cedo tinham seus sentimentos devidamente domesticados e abafados, de modo a protegê-las dos “defeitos ordinários do seu sexo”. E, mesmo após o casamento, as mulheres deveriam ser castas e não poderiam entregar-se a seus impulsos sexuais, já que suas atividades nesse campo deveriam atender aos interesses da procriação e não do prazer. E, segundo tais fundamentos, a mulher tornava-se santa através da maternidade, pois ela deveria ter como modelo a Virgem Maria, mãe de Jesus, afastando-se, assim, do modelo condenado de Eva, a pecadora.

Mesmo tendo sua sexualidade reprimida de maneira constante, muitas mulheres, no período colonial, usavam a transgressão como elemento de defesa. Muitos relatos dão conta de que, ao serem mantidas

enclausuradas em conventos ou enquanto se mantinham à espera do casamento, muitas jovens mantiveram algum tipo de contato sexual com outras mulheres. Tal atitude, poderia levá-las a serem severamente punidas e, mesmo com o rigor da legislação da época, que as condenava à fogueira, muitas jovens achavam nesse ato uma forma de satisfazer seus desejos tão proibidos e recriminados. Ainda assim, muitas mulheres não pareciam amedrontar-se e, na primeira metade da década de 1590, documentos do tribunal do santo ofício registraram vinte e nove casos de mulheres que ou praticavam atos homossexuais esporádicos ou assumiam tal transgressão de maneira permanente e o faziam sem a preocupação de esconder sua opção.

A década de 60 e a revolução dos costumes.

E é no século XX, na década de 60, que a busca e a luta pela igualdade de direitos vai ganhar voz, força e um momento oportuno para a eclosão de tais ideais. Baseado no movimento iniciado nos Estados Unidos, jovens e grupos de diferentes esferas da sociedade saem em busca da liberdade do indivíduo e cidadão atuante, longe da opressão e repressão sofridas por tanto tempo.

É na referida década que as “verdades absolutas” passam a ser questionadas e, com isso, o tradicionalismo dos valores dá espaço ao questionamento e busca por um modelo completamente diferente do anterior, da sociedade patriarcal. No Brasil, a luta por liberdade esbarra em uma ditadura militar. Tomados de utopias, os jovens da década de 60 buscam a construção de uma nova história sem qualquer conexão com o passado, criando, assim, um novo Brasil.

E, dentro desse panorama, as mulheres começam a deixar a esfera privada para assumirem diferentes papéis nos espaços públicos da sociedade. A ideia da mudança social e revolução começam a levar a mulher a questionar seu papel na sociedade. A autora Lia Faria afirma que: “A necessidade de uma participação ativa na construção do mundo, a implantação da jus-

tiça e a discussão do prazer ligado à própria sexualidade começaram a ocupar espaço em alguns imaginários femininos da época.” (FARIA, 1997:33)

E, questionando seu papel na sociedade, esta nova mulher coloca em cheque questões como o casamento, a realização profissional e a condição feminina em uma sociedade ainda norteada por ideais que privilegiavam o masculino com um ranço de patriarcalismo. Um dos grandes símbolos desta luta pelo direito à liberdade de expressão e às questões sobre o próprio corpo e prazer foi a atriz Leila Diniz. Lia Faria nos diz que:

[...] Quando Leila Diniz apareceu grávida na praia, de biquíni substituindo a bata usada pelas mulheres, esse biquíni fala muito mais do que qualquer texto, apontando para a liberação do corpo feminino e seu direito ao prazer e ao desejo. A nudez daquele ventre simbolizava naquele momento histórico uma de suas bandeiras de luta, a assunção da sexualidade feminina. O produto do desejo era assim exposto de forma clara, pela primeira vez, representando o eco do grito de liberdade de toda uma geração. (FARIA, 1997:64)

Tal grito de liberdade foi duramente combatido pela ditadura. Entretanto, os ecos de tal postura começaram a provocar mudanças significativas na forma de agir e pensar das mulheres na sociedade. Um dos ambientes em que podemos observar esta mudança de postura é na literatura. Se antes a mulher era sempre descrita e analisada pela perspectiva masculina e, mesmo aquelas que tentavam falar, eram silenciadas pela forte repressão; na década de 60, muitas autoras começam a buscar e a expor a visão dessa nova mulher que tenta se livrar dos grilhões que há tanto tempo a oprimia.

Todo esse clima revolucionário continua a ver seus desdobramentos na década de 70. Com o advento da pílula anticoncepcional, a mulher torna-se, definitiva-

mente, dona de sua própria sexualidade.

Todavia, toda essa mudança provoca um grande vazio existencial nesta nova geração de mulheres. Com a mudança nas relações pessoais, com o controle sobre o seu corpo, tornando-se independente financeiramente, como livrar-se de todos os estigmas a tanto mantidos como verdades absolutas? O que fazer com essa liberdade que o mundo moderno passava a oferecer?

Muitas buscaram nas drogas e na psicanálise respostas para seus questionamentos. A autora Márcia Denser vem, em seu livro *Diana Caçadora*, mostrar essa nova mulher que, dona de sua sexualidade e livre para fazer as próprias escolhas, se vê confusa e perdida entre os velhos padrões a que fora condicionada por tanto tempo - como todas as mulheres - ou a transgressão destes valores para o encontro com sua verdade, com seus desejos.

Marcia Denser : uma escritora e seu tempo.

“Sempre fomos o que os homens disseram que nós éramos. Agora somos nós que vamos dizer o que somos.” A afirmação libertária de uma das personagens do livro *As meninas*, da autora Lygia Fagundes Telles, lançado em 1973, reflete bem o momento vivido pelas autoras femininas da época. A repressão imposta por tantos anos pela cultura falocêntrica, como já discutido anteriormente, deixou marcas profundas na imagem da mulher como ser e agente da sociedade.

Depois do movimento que visava libertar a voz e a singularidade dos grupos que representavam as minorias na sociedade (negros, mulheres, homossexuais, entre outros) na década de 60, as mulheres assumem o papel de autoras de seu próprio discurso. Sai de cena a figura feminina oprimida e duramente silenciada e entra em cena mulheres que visam resgatar sua natureza primeva, o instinto natural e que luta pelo seu direito de ser mulher. Não se trata mais de mulheres que repetem modelos e discursos a tanto impostos pelo modelo patriarcal, trata-se de mulheres

que imprimem no mundo suas opiniões, sentimentos e suas feridas por tanto tempo escondidas. Agora, o eco de suas vozes é ouvido com toda a força.

É neste ambiente revolucionário e questionador que ganha notoriedade a autora Márcia Denser, que ganhou, do autor Caio Fernando Abreu, a alcunha de “musa dark da literatura brasileira”. Com seu estilo contestador, irônico e visceral, Márcia Denser reflete, em sua obra, a ousadia em dizer de maneira clara e direta, sem uso de subjetivismo, aquilo que antes seria considerado indizível.

Esta liberdade alcançada pelas autoras que viveram aquele momento histórico reflete o marco da época: a transição do mundo moderno e seus valores e verdades absolutas para o pós-modernismo e toda a profunda transformação que chega abrangendo as diversas áreas da sociedade, tais como as artes, a filosofia e a cultura, ampliando o diálogo entre as mais distintas culturas, derrubando fronteiras e ampliando a força do diálogo e da criação como um todo.

Na obra de Márcia Denser, encontramos, nitidamente, a marca estilística da cultura pós-moderna: a transgressão de fronteiras e o diálogo entre o erudito e o popular. Na obra que é objeto do presente estudo, *Diana Caçadora*, a autora menciona grandes nomes canônicos como Hemingway, Cortázar ou nomes importantes da cultura popular como Noel Rosa, Carmem Miranda, Gil e Caetano. Vemos também a referência que faz a marcas e produtos publicitários divulgados pela grande mídia, além do uso de neologismos, estrangeirismos, e epígrafes com conotação sexual, como a música *Desabafo*, de Roberto Carlos, que abre o conto “O animal dos motéis”.

E a transgressão de Márcia Denser continua quando a autora apresenta, em sua obra, de maneira explícita, a sexualidade feminina e todos os seus tabus, o prazer tão duramente negado e subjugado e que, agora, se torna uma realidade na vida desta nova mulher que surge, confrontando seu passado de negligência e silêncio, recriando este novo “eu feminino” e todos os seus novos desafios.

Segundo Hutcheon, “o pós-modernismo é um fenômeno contraditório que usa e abusa, instala e depois subverte os próprios conceitos que desafia.” (HUTCHEON: 1995:19) e é esse fenômeno contraditório que permeia a obra de Márcia Denser. A autora, através de sua escrita ousada e límpida, observa e desafia este novo fenômeno mundial e todas as suas contradições. Paulo Francis, um de seus maiores admiradores, disse certa vez: “Há uma escritora brasileira que sabe escrever. Essa autora é Márcia Denser. Tem uma linguagem límpida, sem retoques.” (Folha de São Paulo, 14/07/1983). E essa linguagem ‘límpida e sem retoques’ faz com que a escritora se destaque como uma das autoras que melhor conseguiu descrever, em seus textos, a mulher pós-moderna.

Utilizando-se de sexualidade e erotismo, a autora nos apresenta mais do que contos eróticos, nos apresenta o legado de mulheres que mergulham de cabeça nos seus mais profundos questionamentos, em busca de sua verdadeira voz e espaço no mundo, já que, segundo a própria autora, “o escritor deve dizer o indizível.” (2007, *O jornaleco*) (DENSER, 2007).

No ano de 1976, a autora publica seu primeiro livro de contos *Tango Fantasma*, em que aborda a sexualidade feminina de maneira ousada e com o ímpeto e frescor dos novos tempos que a década de 70 trazia consigo. Na referida obra, Márcia Denser aborda, de maneira nada ortodoxa, aspectos pouco ou nunca revelados sobre a mulher e sua relação com a própria sexualidade. No conto “As bonecas”, a personagem Madalena, uma tia submissa e histérica, afoga seus ardores sexuais em água fervente.

A temática da sexualidade feminina continua permeando sua obra. Em 1986, lança seu segundo livro de contos, *Diana Caçadora*, obra essa que teve sua primeira edição esgotada vinte dias após o seu lançamento.

Nesta obra, Márcia Denser dá voz à personagem Diana Marini, que é fruto de um ambiente paradoxal, de frenética agitação e vacuidade. A autora nos aponta todos os conflitos e frustrações desta nova mulher

que surge num cenário em que as certezas absolutas dão lugar ao questionamento e a urgência em viver tudo aquilo quanto for possível.

Para muitos, a personagem Diana Marini é o alrego da autora. Não é possível afirmar que o seja, mas as comparações entre a autora e sua personagem são inevitáveis. A começar que ambas fazem parte de famílias de classe média- que contestam em alto e bom som -, bem educadas e têm, na literatura, sua arma mais potente.

A escrita sempre foi a grande arma de Márcia Denser. De maneira original e transgressora, a autora imprimiu, na literatura contemporânea, seu estilo inteligente e irônico ao descrever a alma feminina e suas angústias. Atualmente, a escritora publica suas crônicas no site “congresso em foco” e já prepara um livro no qual irá reunir tais escritos.

Além das publicações *Tango Fantasma* (1976) e *Diana Caçadora* (1986), a autora também tem diversas outras publicações, como: *O Animal dos Motéis* (1981), *Exercícios para o pecado* (1984), *A Ponte das Estrelas* (1991) *Toda Prosa* (2002) e *Caim* (2006). Além de inúmeras colaborações para revistas e jornais ao longo de sua carreira.

Sua obra já foi traduzida e amplamente estudada em países como Alemanha, Holanda e Estados Unidos. Em 2003, foi relançada uma coletânea com suas duas primeiras obras “*Diana Caçadora e Tango Fantasma*”. Tal reedição nos desperta a curiosidade, já que muito embora as duas obras retratem a vivência de mulheres que presenciaram, experimentaram a efervescência das décadas de 70 e 80 e todos os seus questionamentos, o tema continua a retratar a realidade da mulher do século XXI. Em um momento em que, embora as mulheres ocupem cargos de mais alta importância social, muitas ainda continuam a viver os conflitos de Diana e sua sede de entendimento de mundo, seu conflito quanto aos antigos valores e a velocidade do mundo que a cega, que lhe pede mais e mais e que, no final, lhe causa uma angústia e uma necessidade de conhecimento de si mesma.

A escrita de Márcia Denser reflete a mulher e a sua busca por si mesma, por sua voz, por seus sentimentos e valores que irão permitir-lhe encontrar a sua real identidade, que será construída, muitas vezes, na transgressão para chegar a si mesma.

Como Lilith, esta nova mulher tenta reencontrar a sua natureza livre, questionadora e determinada e deixa de ser a caça, para tornar-se caçadora, não apenas de aventuras de qualquer conotação, mas para tornar-se, realmente, dona de si e de seu destino, de sua vida. E, para tal conquista, irá arriscar-se, sofrer, perder-se, encontrar-se. Mas não mais irá se calar e é sob tal perspectiva que devemos ler a obra de Márcia Denser.

Diana Caçadora: a transgressão como elemento da construção identitária.

Diana Marini, personagem central da obra *Diana Caçadora*, de Márcia Denser, é o que podemos chamar de um retrato, sem retoques, da mulher pós-moderna. Escritora e jornalista, trabalha também como redatora em uma agência de publicidade e é o que se pode chamar de uma mulher bem sucedida profissionalmente. Entretanto, ao longo dos nove contos que compõe esta alucinante obra, somos tomados pelas experiências transgressoras de uma personagem que sobrevive ao dia para viver a noite de uma São Paulo alucinada, com suas luzes, bebidas, drogas, cigarro, sexo, sexo descartável, um caldeirão prestes a explodir já que reflete os paradoxos deste momento de transição do mundo moderno para o pós-moderno. Acompanhamos toda a agitação e urgência, somados a um tremendo vazio existencial, fruto de um ambiente paradoxal, cuja única chance de sobrevivência é a transgressão dos antigos valores morais o que a impulsiona para a busca por sua identidade. De acordo com a personagem: “... muitas camadas de rímel depois, blush, pancake, baton e cinquenta minutos depois, estava feito. A Diana de sempre (...) De mim, apenas uma fachada de papelão, enquanto lá dentro, na penumbra, a louca visionária espreitava(...)” (DENSER, 1986:39)

A nova mulher que surge neste cenário pós-moderno é uma mulher que, depois de tanto tempo de grande repressão, tem a possibilidade inédita de escolher o próprio destino. Na década de 70, as mulheres passavam pelo período da travessia. Com os pés no passado, porém já não podiam mais apoiar-se nas velhas tradições, que já não tinham espaço neste novo mundo que se desenhava no horizonte; tinham que manter os pés firmes no presente para não perderem o chão e não se perderem de si mesmas; e olhos no futuro para, assim, se reposicionarem na sociedade subvertendo os valores canônicos para que, então, pudessem construir o sujeito feminino.

... porquanto eu pudesse rir de ti e sem dúvida, chega a ser covardia, mas meu coração, esse demônio sorridente e corrompível, já se encarregara de acionar a criatura estapafúrdia na qual invariavelmente me transformo, um cruzamento de cadelinha mimada a abanar histericamente o rabo, com a predadora, a loba magra e esfaimada que, embora o estômago ronque e gema e se contorça, mantém o porte ameaçador, a dignidade de saber-se loba (o que é uma merda), enfim eis, a hidra que Fernando despertou. (DENSER, 1986:3)

A escolha do nome de sua obra pela autora nos diz muito sobre a personagem e nos permite estabelecer alguns pontos em comum entre a deusa romana Diana, Ártemis para os gregos, e a personagem de Márcia Denser. Ártemis ou Diana era conhecida como a deusa da caça e foi temida por sua postura determinada em manter-se casta e por castigar severamente qualquer elemento do sexo oposto que ousasse aproximar-se dela. Mas a castidade da deusa, segundo a autora Isabel Brandão, não é a castidade como conhecemos em nossa sociedade. Como nos explica a autora:

Ártemis é famosa como uma deusa lua-írmã, irmã gêmea de Apolo.

Mas o lado virgem dessa deusa não significa que ela seja reguladora da castidade – como a Palavra na nossa sociedade implica. Ártemis era uma deusa que não tinha dono. (BRANDÃO; In: FUNCK, 1999:107)

Assim como a deusa greco-romana, Diana Marini subverte os valores patriarcais. Da postura passiva e conformista da mulher caça do homem, assume a postura da caçadora, a mulher que rejeita o conformismo e se lança de maneira intensa às suas próprias escolhas, subvertendo os valores do tradicional modelo, mãe e rainha do lar. Diana também é uma grande caçadora de si mesma e, através do trabalho de escritora, rompe com o silêncio e segue na batalha pela construção de sua identidade. No conto “Gladiador”, Diana questiona o fato de que a história nunca foi observada pelo ponto de vista feminino: “Por outro lado, eu fazia parte dos apêndices de sua vitória (...) suspirando resignada pelo fato de até hoje a história nunca haver sido escrita do ponto de vista da ‘recompensa’ e sim dos ‘recompensados’, o que sempre restringiu o ângulo de visão”. (DENSER, 1986:112)

Nessa luta pela conquista do sujeito feminino, Diana também recusa o papel de mulher objeto, assumindo uma postura de caçadora, ou seja, da mulher que escolhe os seus parceiros e permite-se viver e explorar sua sexualidade por tanto tempo negada a si mesma. No mesmo conto, Diana fala do prazer e a dor da descoberta de si mesma:

Mas tudo isso ocorreu em segundos, espessura de presente que apreendi, guardei e esqueci por um ano inteiro desconhecendo antecipadamente estar preparada para esse encontro do qual, em outras épocas, fugiria por razões óbvias de princesa branca, desconhecendo também outras razões da mulher que estaria explorando nada mais senão certa parte de si mesma, uma zona de fantasia. (DENSER: 1986, p.112)

Neste mesmo conto ainda, a personagem questiona as diferenças que levam homens e mulheres na busca da satisfação de seus desejos: “Os motivos dos seus desejos eram bem outros, (...) mas os motivos de duas pessoas geralmente são tão alheios, distantes e ignorados entre si (...) agora o que essa gente faz junto na mesma cama eu não sei.” (1986:112)

Apesar das dúvidas que ainda permeiam esta nova mulher, sua antiga posição de silêncio, submissão e negação já não se aplicam nesta nova realidade. E este novo posicionamento já começa a causar efeitos nas relações homem/mulher: “Olhou-me de viés: Mãos poderosas ao volante afrouxaram a rédea, como se o cavalo retomasse o trote para pensar (...) mas o instinto lhe dizia que “essa mulher é ruim, é boa e é ruim, que diabo, só diz loucuras, dos meus truques fica rindo, que tanto me encara ...” (1986:113)

Diana Marini carrega em si o que Maria Rita Kehl chamou de fome de mundo – “essa libido passeadora que parece querer provar sempre um pouco de tudo”. (Apud. KEHL, 1999:89) E é isso que observamos na personagem, essa incrível fome de vida que a leva a jogar-se nas mais diversas e arriscadas aventuras. E a principal delas é, sem dúvida, o enfrentamento de si mesma: “Casa de espelhos para onde torno e retorno, devolvida a mim mesma, labirinto especular no qual continuo vagando, os pés feridos nos meus próprios cacós, armadilhas obstinadas a me reter, infinitamente, destruir-me, reconstruir-me, incessantemente, em dor e em pó.” (1986:51)

Em um ambiente no qual as *verdades absolutas* passam a ser questionáveis e tudo passa a ser uma questão de perspectiva e passível de uma nova construção, como poderia a mulher, especialmente a da década de 70, não viver o conflito entre o antigo modelo tradicionalista, que sempre determinou como deveria ser o ideal feminino, com esta inquietação identitária que tem o seu ápice nos anos da década citada?

... o crucificado espantoso de tanta vida deixada para trás, de modo

que eu fico filosofando, me sentindo como uma espécie de lata de lixo da humanidade, de onde eu poderia sacar certas coisinhas que algumas dezenas de seres humanos odiariam se lembrar, mas isso não me consola, por que e eu? Sim, e tua autoestima? E vossa alma terna? O que fizeste dela, mulher? Hem, prostituta? Apodrecherà e arderá com todo o resto, provavelmente. (1986:16)

Estas contradições que compõem este novo cenário, em que se revisita os velhos padrões, mas não mais de maneira inocente e de onde a subversão do mesmo parece ser a única forma para a conscientização e afirmação da mulher e de seu papel como sujeito atuante e pensante, nos possibilita a discussão da literatura de autoria feminina e o desdobramento interior de suas personagens.

Parece pertinente afirmar que a identidade da mulher brasileira, pelo menos de boa parte, consiste na busca de identidade, em meio aos conflitos que a dividem, de um lado pela pressão do paradigma falocêntrico e do outro, pelo desejo de independência para se constituir sujeito ativo. (FUNK, 1999:126)

Observando, então, a obra de Márcia Denser, encontramos exatamente esta divisão em meio aos conflitos que a pressionam: de um lado, o velho modelo canônico e, de outro, a vocação feminina em sua reivindicação emancipadora.

Ao longo dos séculos, a mulher sempre foi considerada inferior ao homem e tudo aquilo que a diferenciava dele, ou seja, tudo aquilo que compõe a essência do ser feminino, sempre foi entendido como algo ruim, o que justificou a submissão da mulher ao homem. Com a revolução dos anos 60 e suas reivindicações, surge a ruptura com o padrão moral ditado pelo cânone social. Esta ruptura, todavia, será dolorosa, já que todos somos, de alguma forma, condi-

cionados a pensar e a compreender o mundo e a vida através da ótica canônica e sua manutenção da ordem social, através da moral e bons costumes que dita à sociedade.

A literatura de autoria feminina, entretanto, decide se valer exatamente desta dicotomia do mundo pós-moderno, em que a mulher é induzida a manter o antigo modelo de mãe e rainha do lar, ao mesmo tempo em que os novos tempos a impulsionam na sua busca pela liberdade e identidade neste novo momento histórico. Um dos caminhos que ela encontra é fazer da escrita uma forma de libertação e, nela, usa de um discurso erótico para a discussão não apenas da sexualidade feminina, mas também de sua perspectiva com relação ao sexo. Utiliza-se de sua sensibilidade para dar voz àquelas questões a tanto silenciadas, rompendo com valores tradicionalistas e expondo, através de suas personagens, os gritos silenciados por tanto tempo.

Diana Marini tem um discurso que ultrapassa o da heroína clássica. Na obra de Márcia Denser, temos uma mulher real, com suas imperfeições e questionamentos, que nos mostra, através de sua frustração e cicatrizes, a estruturação de uma mulher na busca pela consciência de si mesma e pelo seu direito de ser, de viver, do seu poder desejar. E esta nova liberdade que vêm sendo construída a leva, mais uma vez, a seguir lutando para ganhar consciência de si mesma, lutando contra suas dúvidas, incertezas e inseguranças. No conto “Frutas secas”, quando Diana nos expõe sua luta para alcançar seu objetivo: a criação de sua identidade e o exercício desta identidade, enquanto sujeito agente e ativo, no processo de criação de sua nova vida:

A análise parecia estar me ajudando: o homem abria a porta da gaiola dizendo para eu sair, para eu voar, para eu dar o fora e eu ainda com meu visgo, meus peixinhos prisioneiros numa parede d'água, eu ainda medrosa, insegura, me soltando em alguma parte, feliz com minha nova liberdade. (1986:102)

A pressão do cânone ainda tem seus reflexos neste processo de emancipação feminina. Sua liberdade sexual ainda encontra forte repressão mesmo que, na década de 70, esta repressão, o preconceito contra a mulher que fugia definitivamente do modelo tradicional do tido ideal feminino, viesse de maneira mais sutil, porém ainda assim existente, tornava a luta dolorosa para a mulher que se lança nesta nova conquista.

Apesar de tudo aquilo que pudesse silenciá-la, Diana luta pelo direito de ser e de construir sua identidade. Ao longo do caminho, se perde, se encontra, se destrói para se reconstruir em seguida e, assim, continuar construindo a si mesma. Segue lutando esta guerra, que tantas outras, no passado, já travaram e que a mulher contemporânea tenta consolidar.

A cidade a partir desse momento, desapareceu, ao mesmo tempo que foi subindo pelos meus pés, meus joelhos, agarrando-me pelos cabelos e me afogando numa torturante ejaculação monstruosa, um ruído de motor a óleo

diesel permanente na minha cabeça, mas eu não cedia, não desacordava, não morria de uma vez, vivendo debaixo de seu cheiro de merda seca fermentada, abstrata casa de máquinas ininterruptas a fabricar merda, merda e merda, a cidade turbulava em meu peito e seu coração batia junto ao meu podre, descompassado implorando perdão, por favor perdão, quando então acordei ao lado de alguém que seguia curiosamente sem rosto como a cidade. (1986:142)

Diana, assim como todas as mulheres de sua época e todas aquelas das gerações seguintes, é fruto de uma longa história de lutas, de mulheres que por tempos imemoriais lutam pelo direito de ser. A mulher já foi totalmente transformada, sua consciência se desperta a cada instante e, à medida que o tempo passa, torna-se cada vez mais dona de si e de seu destino. Muitas lutas ainda devem ser travadas, mas as vozes que descobriram sua força, mesmo com tudo aquilo que possa vir a acontecer para tentar silenciá-las, jamais de calarão outra vez.

Referências

- BÍBLIA SAGRADA, Trad (1993). Dos originais mediante a versão dos monges de Maredsous pelo Centro bíblico Católico. São Paulo; Ave Maria.
- BRANDÃO, Isabel (1994). “Arquétipos femininos em *The Rainbow* e *Women in love*”, de D.H. Lawrence. In: FUNCK, Suzana Borneó, org. *Trocando ideias sobre a mulher e a literatura*. Florianópolis.
- ARAUJO, Emanuel (2009). “A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia”. In: DEL PRIORE, Mary, org. *História das mulheres no Brasil*. 9ª ed. São Paulo: Contexto, pp. 45-77.
- DENSER, Márcia (1986). *Diana caçadora*. São Paulo, Global.
- ENTREVISTA com Marcia Denser (2012), In: *Jornaleco - Um jornal de transgressões subterrâneas*. São Paulo, 1 de julho de 2007. Disponível em: <http://www.jornaleco.net/Entrevistas/MarciaDenser/marcia.htm>, Acessado em.
- FARIA, Lia (1997). *Ideologia e utopia nos anos 60: Um olhar feminino* / Lia Faria. – Rio de Janeiro : EDUERJ.
- FRANCIS, Paulo (1983). Citação do jornalista extraída do *Jornal Folha de São Paulo*.
- GOMES, Antônio Maspoli de Araújo e ALMEIDA, Vanessa (2012). In: *Âncora: Revista digital de estudos religiosos*. Disponível em: http://www.revistaancora.com.br/revista_2/01.pdf, acessado em.

HUTCHEON, L. (1991). *Poética do pós-modernismo – História teoria ficção*. Tradução Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago.p. 19

HURWITZ, Siegmund (2006). *Lilith, a primeira Eva, aspectos históricos e psicológicos do lado sombrio feminino*. São Paulo, Fonte Editorial.

KAUSS, Vera Lucia T. (1999). A transgressão na construção da identidade feminina: Leitura de Diana Caçadora, de Márcia Denser. In: CUNHA, Helena Parente, org. Desafiando o cânone: *aspectos da Literatura de autoria feminina na prosa e na poesia* (anos 70/80). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, PP. 99-108.

KOLTUV, Barbara Black (1997). *O Livro de Lilith, psicologia/mitologia*. São Paulo, Cultrix, 1986.p.37.

LUFT, Lya. Masculino e Feminino: Um possível reencontro”, in *Entre Resistir e Identificar-se*. Editora Mulheres, Florianópolis.

SICUTERI, Roberto (1998). *Lilith: A Lua Negra*. São Paulo; Paz e Terra.

SILVA, Maria Beatriz Nizza (1984). *Sistema de casamento no Brasil colonial*. São Paulo: T. A. Queiroz / Edusp.

TELLES, Lygia Fagundes (1973).. As meninas Citação disponível em <http://veja.abril.com.br/blog/todo-prosa/tag/marcia-denser/>, acessado em 26/10/2012.

XAVIER, Elóida (1991). *Tudo no feminino. A mulher e a narrativa brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro, Francisco Alves.

Recebido em: 17/03/2013

Aceito em: 10/05/2013